

Ⓞ pacto *invisível* com o Bugg (Legião Secreta da Vida)

07h30. Chego ao cais e tinha o Diogo Bugg fardado de salva-vidas à minha espera. Foi uma surpresa. Sorrimos imenso um para o outro, no entanto não nos abraçámos, ele abreviou logo o cumprimento com um sinal abreviado que me tinha ensinado para proteger a Sagrada Caveira. Ele chama Sagrada Caveira. Eu chamo Caveira Sagrada. Ele diz que hackeou a minha escrita e diz que às vezes escrevi Sagrada Caveira a pensar nele, sem ainda o conhecer... Há coisas que ele diz que eu ainda não percebo... Estava de um lado o quartel dos bombeiros e do outro o quartel dos salva-vidas.

«Obrigado por me teres salvo a escrita estes 3 dias. Foram mesmo importantes...»

«Sempre à ordem, meu capitão... Curtes ver-me fardado de salva-vidas?»

«Por acaso, ficas fixe!»

«Foi este o 6 que eu tive de ir buscar às 6:06 à outra ilha.»

«Porque é que tens um 6 na camisola? A tua farda é irregular... A Polícia Marítima devia multar-te...»

«Quando eu me for embora, vais ter de vestir esta camisola sem a lavar, com o meu perfume... Não te esqueças que fizemos um pacto...»

«Com o teu suor... Queres tu dizer...»

«Até parece que não gostas...»

«Menos, Diogo! Mais uma dessas e passo ao Fred...»

«Ele já te enviou os boxers dele esportados?»

«Podes não ser tão “gráfico”, por favor? Ainda por cima de manhã...»

«Não me digas que esta conversa de manhãzinha dá-te tusa... Se eu soubesse tinha guardado a minha conversa de engate para de manhã...»

«Só o Fred é que me dá tusa e não é boa ideia dares-me imagens dos boxers do Fred...»

«Calma, Jaimezinho... São só os boxers do Fred... É só o Fred a bate uma a pensar em ti com os boxers vestidos e a enviar-te pelo correio os boxerzinhos perfumados “sem tu saberes que”...»

«Como é só a tua camisola suada...» interrompi.

«Ao menos, não tens de te preocupar porque não te vou dar um braço suado que vai parar à “dark net dos salva-vidas”...»

«Também soubeste isso? Impressionante... Tu és pior que um fantasma... Não acredito que vou ter de vestir a camisola suada de um fantasma...»

«É só um sacrifício... Só tens de vestir as peças do puzzle e sentires o “nobre feitiço” do poder da triangulação perfeita dos teus cavaleiros... Tu és a ligação de tudo. Tu é que me ligaste a mim e ao Fred. Sou vosso. Ganharam o meu exército. Eles pensam que eu e tu nos andamos a comer...»

«Eles quem?»

«Os salva-vidas...»

«Porquê?»

«Porque faz parte do jogo...»

«Isso não estava no pacto...»

«O Fred está a par, não te preocupes...»

«Ah, está?»

«Está... Vês os quartéis aqui montados? Vamos ter de fazer duas jogadas. Vamos passar pelo quartel dos bombeiros e vamos entrar com o quartel dos salva-vidas. Assim que entrarmos com o quartel eu vou ter de ligar o telefone à App para transmitir dados ao Brunnös, aos bombeiros, aos fuzileiros e aos marinheiros...»

«Não! Aos fuzileiros e aos marinheiros não! Eu não quero que eles pensem que eu e tu temos alguma cena, eles são amigos do Albert... Não estou a gostar do filme... Não estou a ver o filme a resultar... O engenheiro da empresa do ferry é amicíssimo do Albert. Não... Nem pensar!!!»

«Como é que sabes? Não me contaste isso!»

«Não tenho de te contar tudo, não é? Só fizemos uma pequenina aliança... Não sou o teu namorado!»

«Fizemos a aliança mais forte e temida das 7 legiões, claro que tens de me contar tudo em relação a sócios, coligações, concelhos de administração e assembleias gerais... Faz parte do pacto...»

«Se o pacto é invisível como é que era suposto eu saber?»

«Agora, de repente, não vês as coisas invisíveis? Eu não vou transmitir informação do nosso namorico-fantasia aos fuzileiros ou aos marinheiros. Vou só ter de nos ligar a eles... Por isso, já sabes que tudo o que falarmos hoje ao pé do telefone será ouvido pelas 3 legiões e pelos 4 quartéis. Vai ser importante para eu perceber umas coisas...»

«Que coisas?»

«Umás coisas... Tu ainda estás num Processo de Coisas... Os salva-vidas vão estar nas escadas. Tu vais tentar subir e passar por eles para ires lá em cima como gostas, mas eu vou assobiar-te e vou dizer para ires para a proa. Eu vou mandar em ti, percebes! Tu vais resistir e vais dizer que queres ir lá em cima, mas eu vou dizer-te com um autoritário tom que não e tu vais obedecer-me à frente de todos os salva-vidas. Vais dizer que há 2 câmaras apontadas para a proa e que não queres ir na proa, por causa disso e eu vou-me passar, vou ficar com os olhos encarnados e tu vais obedecer.»

«O Fred já “mandou” desinstalar as câmaras do ferry...»

«Mas eu estive ontem no estaleiro a instalar novas câmaras no ferry...»

«O Fred sabe disso?»

«Não sabe...»

«Vou ter de lhe dizer!»

«Não vais dizer-lhe, vais confiar em mim, Jaime! Vais obedecer-me!»

«Já não estou a gostar do teu tom! Isto, afinal, não está a ser uma verdadeira triangulação de dados...»

«Está. Tu é que ainda não percebes. Vais obedecer-me ou vou ter de te dar uma chapada já aqui, caralho?»

«Vai para o caralho, Diogo! E eu mando-te outra, muito mais forte, em legítima defesa!»

«ÉS LINDO! Apetece-me dar-te um beijo na boca... Se o Fred não estivesse aqui “entre nós”, eu juro que te dava um beijo na boca... A merda é que eu sinto o fantasma dele a assombrar-nos... Foda-se!... Não te esqueças de invocar o artigo 32º do Código Penal quando agires em legítima defesa.»

«Obrigado. Para onde é que vão as imagens das câmaras e quem é que vai ser o responsável pelo tratamento?...»

«Cala-te, Jaime! Está calado! Vais para a *dark net*... Mas não te preocupes que depois a Jupiter Editons hackeia a *dark net* e tira de lá as tuas imagens... Não és um Member Writer? Todos os Member Writers da Jupiter Editions não são agenciados pela Jupiter Editions? Então diz à tua editorazeca, à tua realizadorazinha, à tua agenciazinha que invoque “conflito de interesses” já que é ela a única entidade legal com os direitos à tua imagem... Se a Jupiter Editions hackeou a Ilha dos Piratas, achas que não ia hackear a *dark net*? Pensa, caralho! Larga-me esse diabo da Paranóide Tecnológica de Federico Ferrari! O Federico Ferrari é um diabo!!! Porque é que o trouxeste hoje connosco??? Larga-o! Dá-me as mãos é a mim!»

«Larga-me, Diogo! Não dou nada!»

«Calma, Jaimezinho... Estou só a ler o guião... Não consegui decorar esta fala... Estás pronto para a guerra? Os salva-vidas também vão estão a filmar e quando formos para a proa vais vê-los a rirem-se e a fazerem histórias para o Instagram... Vais para o Instagram deles...»

«Os risinhos também vêm no guião...»

«Claro... Achas que eles teriam criatividade para se rirem de forma original?»

«Tiveste piada. Acho que estou pronto para entrar na guerra.»

«Fixe, porque está na hora.»

Passámos pelo primeiro quartel e vi o Bugg a indicar-me ao quartel dos bombeiros como novo membro da Legião Secreta da Vida, informando, no entanto, que estava “a copular vitaliciamente” com ele. Não gostei da informação errada, mas confiei no líder-alfa. Entrámos no barco com o quartel dos salva-vidas e tive de ir a ouvir bocas e risinhos do Brunnös em código como se eu tivesse andado a dormir com o Bugg montando pontos de interrogação em todos os salva-vidas sobre a minha fidelidade com o Fred. Mas deixei estar, não quis saber. A cena aconteceu como combinado. O Bugg parecia outra personagem, como se tivesse a gozar comigo, a fazer-me perguntas estúpidas e eu a ter de responder, a dar-lhe dados, a passar informações, só depois no estaleiro é que consegui escrever o que foi dito no ferry. Lembrei-me quando há dois anos ia na mesma proa com o Fred sem nenhuma câmara de vigilância a filmar o nosso romance. Eu ali com o Bugg parecia que tinha ido parar a um filme de engate barato e que estava a passar numa dark net qualquer e eu ali com uma pistola invisível.

Depois na praia, o Bugg deixou o telefone no estaleiro e fomos até ao spot do canal. Passámos pelo estaleiro dos outros salva-vidas. O Bugg não fazia questão de os cumprimentar, mas eu fiz questão, como era natural. Cumprimentámo-los e eles a fazerem-se de parvos, perguntaram porque é que tínhamos hasteado hoje a bandeira às 9h e não às 10h, como de costume. E eu simplesmente respondi que a capitania tinha passado um novo Edital de Praia. Voltámos ao nosso estaleiro. Conto a chamada engraçada que tive com Fred de manhã antes de sair de casa:

«Oh, baby... Foram os outros salva-vidas que alteraram as regras do jogo no vosso estaleiro? Agora o meu Jaimezinho tem de acordar às 6h30... Ai, ai... Alguém vai pagar muito caro... Eles não perdem pela demora... Vou fazer um feitiço baby e vamos tomar posse do posto de vigia deles... Ya... Vais ficar com dois postos de vigia... E vamos ligá-los e vamos ficar com bué praia só para nós e para o Capitão... O Capitão vai gostar e a Mulher do Capitão também... Vamos expulsar os chibos da Ilha dos Piratas... Que dizes, baby? Vamos tirar um bocado de praia aos piratas e vamos dar ao Jaime... Os piratas só sabem é mandar Bujãrdas... Não estão a fazer nada no estaleiro... Vamos expulsá-los do estaleiro...»

O Bugg fartou-se de rir e disse que adorava o Fred, que o Fred era o maior patrão... Apareceu do nada um miúdo a dizer que o avô tinha sido picado por um peixe-aranha e que estava muito aflito a pedir-nos que fôssemos lá. O avô estava no outro posto de vigia. Olhámos e não vimos nenhum dos salva-vidas. Nunca tinha acontecido. Fomos a correr. O avô dizia que nunca lhe tinha acontecido tal coisa e que tinha duas picadas nas mãos.

«Nas mãos???» perguntei.

«Sim, foi nas mãos... Olhe aqui, para elas... Não vê como estão inchadas e como estou a deitar sangue? Isto nunca me aconteceu e já pesco há anos... Isto há coisas do Diabo...»

O Bugg foi ao barco do Capitão pedir dois copos com água a ferver para mergulhar as mãos. Sem me aperceber, acabei por me sentar no estaleiro ao mesmo tempo que o avô se sentou. Quando os outros salva-vidas apareceram, é que eu me apercebi que tinha “tomado o poder do posto de vigia e da concessão” tal e qual como tinha sido feito “o feitiço” do Fred... Com os salva-vidas no seu posto, passámos o testemunho e fomos embora para a nossa beira-mar. Psicológico.

À beira-mar, lembrei-me da praxe na Praia dos Bodyboarders na Ilha dos Lobos-Marinheiros e contei-lhe, porque tinha a mesma data que tinha acontecido uma “praxe” dali e queria mostrar-lhe como as coisas estavam todas ligadas. Ele ouviu a minha praxe, contei-lhe que durante a praxe quase que me afogava e ele perguntou-me como é que eu tinha conseguido sair do “filme das ondas”, com que ajudas e eu disse-lhe que tinha pensado nuns bichinhos extraterrestres que pareciam um submarino e que eles me tinham puxado para cima, porque eu senti uma força vinda de baixo para cima, para voltar a respirar. Então concluí que tinha sido uma Marinha alienígena, uma Marinha de extraterrestres a tirar-me do filme das ondas... E ele começou-se a rir e disse-me que eu tinha sido salvo pelos ursos d’água... Como eu não percebi a piada vi o Bugg a ir a correr a buscar o telefone.

O Bugg mostrou-me o que eram ursos d’água, disse-me que se chamavam Tardígrados... Fiquei preso ao ecrã a vê-los, tapando a câmara frontal do telefone dele ligado à Internet. Não queria que a Inteligência Artificial me roubasse o meu espiritualismo, só o quis entregar ao Bugg. Tinha sido exatamente a imagem que eu tinha visto na minha mente, foi a imagem que me apareceu quando eu me estava a afogar na Praia dos Bodyboarders e que numa Força de Coisas consegui voltar para cima e voltar a respirar. Fiquei completamente arrepiado. Eu vi o Bugg como um deus nesse momento. Vi-o como um anjo (“caído do céu”...)... Estava completamente arrepiado... E comecei a ouvi-lo a falar deles:

«Este gajos são extraterrestres... Hibernam como os ursos, durante 1 ano... São os ursos d’água... Conseguem resistir à radiação, sobrevivem no vácuo, sem azoto, sem oxigénio e sem carbono, foram enviados para a Lua e sobreviveram... A cena é, porque é que tu tens gajos destes aqui na Terra, percebes? Estes gajos vieram de outro planeta... São seres alienígenas que estão aqui na Terra... Supostamente tu crias determinadas condições para te adaptares à Vida que há à tua volta e não faz sentido tu teres seres capazes de sobreviver a -200 graus...»

«A essa temperatura conseguem viver em Jupiter... E se eles estão na Terra, estão em Jupiter...»

«Atenção que eles conseguiram sobreviver a -200 graus só durante 14 dias...»

«Mas a temperatura em Jupiter é superior a -200 graus...»

«Sim, sim... Eu sei... Só estou a dizer que eles a -200 graus só conseguiram sobreviver durante 14 dias... Percebes? É ridículo!!! Como e porque é que tu tens isto aqui na Terra... Além de que eles são mesmo importantes para a vida marinha... Ou seja, sem eles a vida marinha não existia como a conhecemos hoje... Uns ursos d’água foram congelados durante 30 anos e sobreviveram 9 anos depois e ainda tiveram 3 filhos... Eles conseguem aguentar 6 vezes mais a pressão daquilo que nós conseguimos aguentar e conseguem descer até à Fossa das Marianas...»

«O que há na Fossa das Marianas?»

«Ninguém sabe, só se sabe que há sons... Os nossos submarinos não conseguem descer até lá... Mas eles conseguem... Isto é demais, não achas!?»

«A sério, o que estás a dizer é mesmo verdade?»

«Sim... Queres ver um vídeo dos gajos?»

De repente, senti-me um alien em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi a ver um vídeo de um humano qualquer através de um dos “nossos” satélites invisíveis, de um dos “nossos” drones invisíveis ou simplesmente a irmos ao Google, mas num filme da Ilha dos Piratas que tinha ido parar aos estúdios da Jupiter Editions em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... E eu sentia-me um alien a ver o vídeo de outro alien... Sentia o meu cérebro dentro de um microscópio quando via o vídeo que mostrava o urso d’água ao microscópio...

«Mas eles não se conseguem ver a olho nu?»

«Conseguem... Consegues encontrar uns com 1.2mm...»

«Eles são lindos, não são?»

«Ya... Parecem uns robots, não achas...?»

«De longe, parecem robots, mas mais perto, consegues ver a “biologia”, consegues ver a beleza, a natureza deles...»

«Foda-se, são mesmo lindos, não são?»

«São... Eu adoro-os!»

«Tu parece que estás apaixonado por eles...»

«Então, eles apareceram no meu filme para me salvarem...»

«Talvez, o teu cérebro, sem saberes, esteja conectado a eles...»

Fez-se um clique no meu cérebro. Eu cresci com os livros da BBC Vida Selvagem da avó... Foram esses os meus “desenhos animados”... Foi essa a minha Disney e a minha Marvel... Foram esses os meus Pokémon... Talvez, o meu cérebro simplesmente tenha gravado no seu subconsciente os ursos d’água. Eu conseguia jurar que tinha sido na Praia dos Bodyboarders que os tinha visto na minha mente pela primeira vez e que apareceram no momento em que eu me ia afogar... Mas talvez, tenha só sido o meu cérebro que viu que estava prestes a morrer e trouxe-me umas “últimas lembranças” do início da minha vida e lá me trouxe essa imagem dos ursos d’água... Não sei... Sei que há toda uma Internet de Coisas à volta do meu cérebro... Isso é o que eu sei... Mas acabei por desfazer o “truque de magia”... Eu sou tecnológico. Sou real. Para mim, a magia explica-se com a tecnologia. Mas não deixei por isso, de ver a beira-mar com o Bugg um “momento mágico”.

Saí da beira-mar para ir almoçar e voltei depois à beira-mar com o Bugg.

Falei ao Bugg que gostava imenso de estudar Astrobiologia e que a Jupiter Editions tinha um secreto Departamento Editorial de Astrobiologia dentro do Departamento Editorial das Ciências da Terra e Astronomia e disse-lhe que gostava de ficar como editor nesse departamento. E o Bugg, como se tivesse hackeado a Jupiter Editions, disse-me que seria muito difícil entrar nesse departamento e que havia uma maçonaria à volta da Astrobiologia, que era como se fossem estudos secretos alienígenas em que só algumas informações é que estavam autorizadas a saírem para fora... E eu ri-me e perguntei-lhe se eu tivesse muitas *jupits* se será que poderia entrar no departamento editorial de Astrobiologia da Jupiter Editions. E ele disse que não sabia, mas que com “jeitinho” eu poderia ter sorte. E da Astrobiologia fomos parar à Astronomia e à Astrologia.

Contei ao Bugg sobre a estranha Internet das Coisas de no dia em que o marinheiro Potter perguntou-me no ferry de que signo é que eu era e eu ter-lhe respondido que era carneiro e ele ter dito que “então estava tudo explicado” e de me ter perguntado depois também as horas do meu nascimento, mas eu ter-lhe mentido sobre a minhas horas e depois ter chegado a casa e o Santo ter-me vindo, pela primeira vez, com a conversa da Astrologia «e aquelas pessoas que te perguntam o signo e depois tu dizes e elas depois respondem que está tudo explicado WHAT THE FUCCCKKKK»... Contei-lhe que no mesmo dia, a vir para casa, que tinham passado dois *players*, um com uma camisola do Sporting e outro com uma camisola da Chicago Bulls no exato sítio onde eu tinha contado ao Fred por chamada que quando eu tinha nascido a minha mãe tinha dito que no futebol nós eramos do Sporting e no basquete éramos da Chicago Bulls.

«Estava alguém perto quando contaste isso ao Fred pelo telefone?»

«Sim, estava...» menti, para proteger o Fred.

«Ah... Ok...! E disseste ao Santo que o marinheiro Potter te tinha perguntado sobre isso?»

«Claro que não... Não sei que informações é que o Santo tem sobre mim... Não sei se o Santo simplesmente recebeu uma instrução numa *App* para me perguntar sobre isso sem saber o que tinha acontecido... Não sei em que casa é que joga o Santo...»

«És muito inteligente...»

Para poder continuar a jogar no filme das coisas maçónicas, por uma questão de sobrevivência, o meu cérebro decidiu aplicar uma estratégia de *coping* ao filme do Sporting e da Chicago Bulls e com uma força de um triângulo invisível muito poderosa, conseguiu colocar personagens no cenário. Congelou o filme, voltou atrás, meteu personagens conhecidas e fez play... O meu cérebro fez batota no jogo. Num jogo de cartas, fez uma magia e roubou um Às ao adversário. Assim, pôde continuar a jogar. Não saiu do jogo. Não saio do filme. Assim, havia uma desculpa para alguém ter ouvido e ter começado a pôr sempre o mesmo filme a dar quando eu passasse por ali. Contei ao Bugg que o Sporting e a Chicago Bulls entraram no filme logo a seguir quando falei ao telefone com o Fred e que a partir daí começaram sempre a passar por ali no filme... ´

Num teste maçónico o Bugg perguntou-me qual é que era a diferença entre a Astronomia e a Astrologia e eu respondi-lhe que a Astronomia estudava a origem, a evolução e a composição dos astros e a Astrologia estudava a posição e o trânsito dos astros. O Bugg piscou-me o olho como se estivéssemos a ser ouvidos por extraterrestres e perguntou-me se eu era capaz de ligar a Astrologia com a Biologia, com a Psicologia e com a Medicina. Tendo em conta que a Lua e outros astros influenciam na atividade de imensos animais, que a Lua e a Ursa Maior influenciam imenso a minha escrita, que as marés que também são influenciadas pela Lua também influenciam a minha escrita, nem que seja numa questão psicológica, eu disse que era capaz de ligar e o Bugg perguntou-me onde é que estava a ligação da Astrologia e da Medicina e eu disse que estava na minha cabeça. Começou a desenhar o meu mapa astral na areia.

«Como és um carneiro, nascido no dia 13 és um 6. De que signo é a tua mãe?»

«Capricórnio.»

«Nasceu em que dia?»

«27 de dezembro...»

«Pois, é outro 6... E o teu pai?»

«30 de abril, é touro...»

«É outro 6... Vocês são uma família de cornos. Vocês são signos com cornos. Vocês os 3 são o triângulo perfeito... Na Legião Secreta da Vida nós ligamos a Medicina à Astrologia com uma Árvore Genealógica. É tudo genético. Há uma predestinação genética. No entanto, a fatalidade da vida depende do meio. É o meio que vai influenciar a expressão dos genes. A tua gestação foi fortemente influenciada pelos astros numa altura determinante para a formação das tuas características. Também herdaste as características astrológicas dos teus pais. E também és fortemente influenciado pelas características astrológicas dos teus amigos. O teu grupo de pares forma um certo trânsito aqui na Terra... São os signos à tua volta, os signos da tua vida que vão determinar o teu sucesso... A combinação perfeita do teu par amoroso seria um 6 de um outro carneiro ou um 6 de um virgem. Eu sou um 6 de um virgem...»

«O Fred é um 6 de um carneiro... É a melhor carta, não é?»

«Ele nasceu em que dia? Nem todos os carneiros são um 6... Depende do dia e se os pais...»

«O Fred faz anos no mesmo dia que eu e a mãe é touro e o pai é capricórnio no mesmo dia que os meus pais...»

«Hum... Mas olhando para o teu mapa, precisas no teu trânsito que as 6 pessoas mais importantes na tua vida sejam um 6 de um aquário, pelo menos um 6 de um carneiro e os outros quatro ou 6 de outros carneiros ou então 6 de caranguejos...»

«O Fred é carneiro, a Sara é caranguejo, o Domingos é caranguejo, O Afonso Côrte-Real é aquário, a Helena é carneiro e a Sílvia é caranguejo.»

«Sim, mas todos eles têm de ser um 6 desse signo...»

«Mas todos eles são...»

«Como é que sabes? Diz-me os dias deles todos...»

«Não digo. Eu nasci com uma Astrologia e com uma Numerologia em cima de mim... A minha mãe tem a Numerologia de todos eles... Ela faz contas, tem fórmulas, faz cálculos e impressionantemente ela sabe sempre o que está a acontecer na minha vida. Ela sabe sempre a série de eventos que está a ocorrer tanto na minha vida como na vida dos 6... E como sempre cresci a ver como a Astrologia da minha mãe era tão “exata”, sempre a afastei... Não é fixe quando não és verdadeiramente livre, quando vives preso a uma Internet das Coisas e tens um calendário que ainda por cima te diz o que vai acontecer, o que está a acontecer e o que aconteceu... Então, por isso, nunca liguei à Astrologia... Os meus amigos adoram, porque a minha mãe começa logo a acertar em eventos muito específicos das vidas deles, coisas que eu nem sei, nem podia saber...»

«É importante que o teu par seja um 6... Não te esqueças que eu também sou um 6, caso o Fred seja um estúpido contigo...»

«O Fred nunca será um estúpido comigo... Para de te fazer a mim, se faz favor... Estamos à beira mar a falar de coisas astrológicas importantes... Quero ouvir a tua Astrologia, parece a da minha mãe...»

«Talvez esteja só hackear-te as memórias do cérebro e esteja por isso a falar da Astrologia como fala a tua mãe... Posso hackear-te?»

«Não...»

«Não te esqueças que eu só posso hackear-te se tu me autorizares... São as regras...»

«Uau! Afinal, neste filme de coisas há regras...»

«Sabes porque é que é muito importante o teu par ser um 6? No teu caso específico... Que tens a casa em Júpiter, a lua em Júpiter e o sol em Júpiter...»

«Porquê?»

«Porque é com o teu par que tu podes fazer as sagradas triangulações com cada um dos 6. Porque são todos 6. Por exemplo, tu, o Fred e a Sara fazem um triângulo. Mas tu, o teu pai e o Afonso, por exemplo, também podem fazer um triângulo. Só com a tua base tu consegues fazer 7 triângulos, fora depois os derivados... Por exemplo, tu e o Fred comigo conseguem fazer um triângulo derivado, porque somos cada um, um 6...»

«Porque é que eu consigo fazer 7 triângulos só com a minha base?»

«Repara, tu e o Fred, conseguem 5 triângulos com o vosso grupo de pares. Para além disso, tu já és um triângulo perfeito, não te esqueças do triângulo entre ti, o teu pai e a tua mãe. Vocês são todos um 6. Tu e o Fred conseguem ainda fazer um triângulo com um dos teus pais.»

«Porque é que não pode ser com cada um dos dois?»

«De base, vocês só conseguem fazer ou com a tua mãe ou com o teu pai. Depois poderão é fazer um triângulo derivado com o pai que ficou de fora do triângulo-base. Diria que o vosso jogo de astros será sobretudo esse. Descubrirem quais é que são os triângulos-base entre ti e o Fred e os vossos pais...»

Comecei a ver como afinal a Astrologia poderia ser simplesmente uma “matemática dos astros” e comecei a vê-la cada vez menos espiritual. É interessante como, de facto, a Astrologia parece conseguir explicar os fenómenos das ciências mais ocultas, que só se chamam ocultas por não serem tão visíveis por todos... Há astros e planetas que só conseguimos ver com o telescópio. Há bactérias e filós que só se conseguem ver ao microscópio. No entanto *Júpiter* e os tardígrados são visíveis a olhos nu e nem todos conseguem ver. Quando voltei a falar dos tardígrados, o Bugg foi a correr buscar a prancha de salvamento, despiu-me a camisola e lançou-me com ele para cima da prancha e disse-me para fechar os olhos.

«Vamos visitar os ursos d’água.»

«Definitivamente eu acreditei que íamos ver os ursos d’água e vi na minha cabeça, por causa da conversa dos triângulos, que eu poderia ser uma ponte importante de ligação entre eles, as formigas

e as abelhas. Pensei nisso, porque vi os tardígrados como submarinos e por isso vi-os como se fossem a Marinha. Vi as formigas como o Exército e vi as abelhas como a Força Aérea. Fui deitado por cima do dorso do Bugg de olhos fechados enquanto ele remava na prancha. Simplesmente senti-me teletransportado. Quando o Bugg disse para eu abrir os olhos fiquei assustado com a nova vista da Ilha dos Piratas. Estávamos longíssimos da costa e via como a costa era uma beleza virgem. Era uma costa virgem. Fiquei confuso, porque para o tempo que tinha sido estávamos longe demais. Parecia que tinha havido ali algum truque cinematográfico. O Bugg pegou-me na mão, mergulhou-a, deu-lhe um formato de concha e trouxe-a para bem perto dos meus olhos e disse-me: «O que estás a ver é um urso d'água na tua mão... Shiuuuu! Ele está numa profunda hibernação...». Chegou uma abelha que pousou no meu indicador.

«Só te falta o Exército... Já tens a Marinha e a Força Aérea contigo...»

«Cabrão! Tu hackeaste-me durante a viagem??? Disseste que só podias hackear-me com autorização...»

«Vinhas com os olhos fechados... Não te podia acordar... Estás num sonho... Estás pronto para “subir”?»

«Não quero subir, Diogo...»

«Porquê?»

«Não é a minha cena, já te tinha dito isso...»

«Não és tu que escolhes, Jaime... São eles... E para eles te quererem, é porque nasceste com um triângulo na cabeça... Com que triângulo é que nasceste?»

«Nasci com o Direito Civil, com a Psicologia e com o Direito Penal. Sou civilista, penalista e “psicologista”... Assim que eu aprendi a escrever fiz leis, produzi legislação. Quando cheguei à Faculdade de Direito vi que muitas coisas que estavam escritas no Código Civil era o que eu já tinha escrito, era como se partes do meu cérebro tivessem sido arrancadas e postas num código... Olhei para a data do Código Civil e vi que o Código Civil tinha sido escrito primeiro que o meu nascimento... Para mim isto foi muito espiritual. O Direito é espiritual... Sentia-me como se, noutra vida passada, tivesse escrito o Código Civil... É claro que não acredito em vidas passadas... Mas há um espírito, não é? E esse espírito simplesmente viaja no tempo, não é? Somos viajantes do tempo... Eu nasci com livros dentro da minha cabeça... Simplesmente ainda não os tinha escrito... Lembro-me de uma vez, pequenino, ir com a cabeça de fora numa viagem de carro, a apanhar o vento e ter visto os meus livros a serem publicados por uma editora chamada Jupiter Editions. Eu era muito pequenino, talvez, teria 9 anos... Guardei segredo. Nunca pronunciei o nome. E vi nesse meu filme um logotipozinho com um elefante a segurar o planeta Jupiter... Jupiter “abraça” a Terra... Protege... E se proteger a Terra, “só” por causa dos elefantes? Só porque ainda há elefantes...? Os elefantes são criaturas sagradas... Os elefantes estão ligados à Terra... Irrita-me não termos um Código Civil que proteja os animais sagrados, como os elefantes... Eu sinto-me um elefante... Sinto-me uma girafa... Sinto-me um hipopótamo... Eu quero escrever sobre eles... É essa a minha cena, percebes? Quero ir para ao pé deles... Quero andar com eles... E se eles não estão no Parlamento, o meu lugar não é no Parlamento...»

«Mas para os protegeres, talvez tenhas de ir para o Parlamento...»

«Eu prefiro hackear o Parlamento à distância com os meus livros tecnológicos... O meu cérebro dá-me “dicas”, é muito intuitivo, nasci com um cérebro tecnológico muito intuitivo que me diz quem é que vai aparecer na rua quando eu virar a esquina, que consegue hackear os sistemas informáticos e ver os programas que vão ser instalados na minha vida... Quando estava na Praia das Lontras da Ilha do Arroz, produzi imensa escrita, as lontras stressaram-me imenso... As lontras estavam sempre a fazer-me partidas... Estavam todas em rede e o meu cérebro conseguiu hackear a rede delas... Os toureiros, os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e a juventude monárquica apareceram todos na Praia das Lontras em sequências de filmes que o meu cérebro me disse que iam acontecer... E voltaram a entrar no filme da minha vida que está aqui a dar na Ilha dos Piratas... É verdade que a tauromaquia me hackeou, mas eu também hackeei a tauromaquia com o meu velcro tecnológico... É verdade que a juventude monárquica me hackeou, mas eu também hackeei a juventude monárquica... Dentro da juventude monárquica sou simplesmente o espírito da Rainha D. Amélia que se atirou ao mar para salvar “uma pessoa” e que fundou o Instituto de Socorros a Náufragos... Foi na Praia das Lontras que eu vi a minha série dos Náufragos... E quando eu vi, as lontras em rede viram o filme a passar-se na minha cabeça e num tempo real começaram a trazer a série para a vida real e eu simplesmente comecei a escrever a série, ao mesmo tempo que escrevi o meu livro secreto Salva-Vidas... Quando eu estava a pensar no nome que haveria de dar à série lá me apareceu “Náufragos” na minha mente. Vinha no carro com o príncipe Henri. Antes de sairmos, o príncipe disse-me que tinha “só de fazer uma cena” e pegou no telefone. Senti “uma dor”, como se tivesse a ser penetrado pelas tecnologias do príncipe, como se o príncipe conseguisse aceder à minha mente... Senti-me a ser hackeado... Aquilo foi rápido, ele olhou para mim e piscou-me o olho. Fiquei completamente “à nora”... Começámos a hastear as bandeiras, a bandeira portuguesa, a bandeira da praia azul... O mar estava com uma ondulação fixe... Havia uma correntezinha, mas típica... Lembro-me perfeitamente de uma das lontras vir a gritar para o príncipe hastear a bandeira amarela e do príncipe ter respondido com a bandeira verde na mão: «Foda-se, tá calado! Não percebes nada desta merda! Achas que com este mar vamos pôr uma amarela? Eu é que mando! Eu é que sou o coordenador! Não pomos nisto uma verde, Jaime? Este gajo já está a querer estragar-nos o filme todo... Não percebe nada disto... Ó Jaime, este gajo vai ficar fora da nossa série dos Náufragos... Tu não o tragas para o filme, o gajo vai estragar-nos o filme das ondas...». Quando o príncipe disse “Náufragos” piscou-me o olho depois de me ter feito “sinais maçónicos”... Enfim, podia ver tudo como uma coincidência, como um “mentalismo de ideias”, que simplesmente estamos todos “espiritualmente conectados”, mas uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que eu via que estava prestes a ser instalada no meu cérebro não me deixava ver este filme senão através de uma “implantologia” de ideias... Eu escrevia às escondidas no Posto de Vigia monitorizado pelas lontras... Implementava secretamente as minhas ideias no Código Civil, fingia que estava a fazer anotações do que estava a ler e por isso as lontras “lá deixavam”... Mas talvez tenham fotografado e tenham apanhado partes da série, partes do filme em que eles entravam... A minha implantologia estava aqui... O que eu vejo é que quando eu pensei em “Náufragos”, o príncipe Henri pensou também. Talvez, até tenha sido ele que tenha pensado primeiro e tenho através de ondas eletromagnéticas invisíveis enviado para o meu cérebro... Nós somos campos eletromagnéticos... As nossas cabeças, os nossos cérebros, a nossa mente gera campos eletromagnéticos à volta... Os nossos pensamentos são muito tecnológicos, viajam *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... O príncipe Henri nunca se metia por detrás de mim no estaleiro do Posto de Vigia com o telefone enquanto eu ia escrevendo

o filme das ondas no Código Civil... Mas o conde Drew punha-se atrás e eu mudava de página, não continuava a escrever e ele vinha e perguntava que regime é que eu estava a estudar e eu lá dizia... Na minha visão seria impossível ele “sacar-me” películas do meu filme, mas pode ter-me sacado sem eu me aperceber e ter enviado para a rede... Havia uma rede instalada... As coisas que se falavam no estaleiro ou as coisas que eu escrevia fora do filme apareciam sempre depois no almoço no barco com toda a tripulação e eram coisas muito específicas... Sentia-me como se tivesse preso ao filme do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak... Por isso, mesmo que eu achasse que estava a escrever uma série ou um filme às escondidas na Praia das Lontras, talvez as lontras tenham hackeado o filme... E o príncipe Henri só quis alimentar ainda mais o meu filme maçónico ao dar-me aquele cenário com o telefone como se me estivesse a hackear “o implante cerebral invisível” e sacado o nome do filme que estava na minha cabeça... Só aqui eram dois filmes maçónicos, ou o príncipe tinha “superpoderes”, “supertecnologias” e “superinformações” que sabia que eu tinha um “implante invisível” como ele e sabia como me passar informações neuronais através da nossa Internet ou sabia que eu tinha um “implante maçónico” que só os príncipes e maçons sabiam e que com os seus telefones através de uma *App* conseguiam aceder ao implante... Mas tudo isto é cinematográfico, é literário, simplesmente ganhei um bom argumento, ganhei um bom filme... A realidade que eu vejo é que fui eu que fiz um filme de coisas. Simplesmente, no momento em que o príncipe, dentro do carro, disse que “ia ver uma cena”, ele simplesmente foi ao Facebook ou ao Instagram ou ao Tinder ou ao Grindr... Eu é que tenho hipersensibilidade eletromagnética diagnosticada pelo Dr. Albert von Der Maase, o meu querido sogrozinho, e quando “senti” as ondas do telefone do príncipe o meu cérebro fez um filme com as ondas... O meu cérebro é mesmo muito tecnológico, faz-me mal eu estar em ambientes onde estão muitos telefones ligados em rede ou ligados à Internet a emitir radiações e a criar uma nuvem de radiações... Sinto-me bloqueado, stressado, sinto o meu cérebro, a minha pele, o meu coração e o meu intestino a serem agredidos... Faz mal à minha flora intestinal... Nós “somos” árvores... Temos árvores a crescerem dentro de nós... Árvores e fungos... Temos fungos na pele... Temos bactérias dentro da boca... E há uma rede muito importante que liga aos fungos, às bactérias e às árvores, podemos não a ver, mas quando somos tecnológicos nós sentimos essa rede, nós entramos só com o nosso cérebro nessa rede... As árvores já são tecnológicas e não gostam nem do Wi-Fi nem de telefones perto a emitir radiação... Não gostam, elas não falam, mas eu falo por elas. Os cavalos-marinhos não gostam do barulho do motor dos barcos, eles não falam, mas eu falo por eles. Os elefantes, as girafas e os hipopótamos não gostam de estar presos num Jardim Zoológico, nem os golfinhos num Zoomarine, eles não falam, mas eu falo por eles. E falo também pelas lontras. Mas eu não preciso de entrar no Parlamento para falar deles, posso falar deles aqui, com a minha voz tecnológica, com o meu espírito tecnológico que com a sua tecnologia vai hackear o Parlamento à distância. Porque eu quero estar é a beira-mar, nesta beira-mar de pensamentos... E no Parlamento não há praia, não há ondas, não há mar, não há golfinhos a passar... Na Praia das Lontras os golfinhos estão sempre a passar... E o pessoal todo no telefone a ver os golfinhos a passar... A vê-los a passar no ecrã do telefone... Que giro!... O meu lugar não é no Parlamento! É fora do Parlamento! Porque eu já nasci com um Parlamento de Ideias na cabeça... Eu sei logo quando entro num sítio se esse sítio tem ou não “Wi-Fi”... Simplesmente sinto as ondas, sinto as energias “verdadeiras”, as energias físicas, é tudo físico, é tudo químico, é tudo tecnológico... E graças à Física e à Tecnologia que nos ensinam a ver o tempo das coisas, vi que o filme do meu implante cerebral ser hackeado por um telefone só seria possível se estivéssemos em 2080 de Antoine Canary-Wharf... E nós ainda não estávamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf... E foi assim que comecei a ligar-me a uma estranha Internet de

Autores... O meu cérebro começou a dar-me os primeiros indícios e vi o meu cérebro a dizer-me que tinha 9 braços... Comecei a escrever os filmes com o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos, com o Código Civil e com o Código Penal de hoje, mas também a ver um direito maquiavélico em 2080 de Antoine Canary-Wharf se *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy não hackeassem a tempo o Parlamento... E nos meus cadernos sagrados comecei a escrever com 9 braços, comecei a abrir as histórias, comecei a abrir os filmes, mas tudo isto porque o meu cérebro começou a ficar stressado, porque começou a ver que as coisas que eu dizia eram ouvidas por telefones supertecnológicos ligados sempre à Internet e que as coisas que eu escrevia eram fotografadas por telefones supertecnológicos ligados sempre à Internet... Fui fazendo “pastas” nos cadernos sagrados, foi muito giro, foi uma experiência mágica... Comecei a experimentar a tecnologia que havia no meu cérebro... Comecei a dizer o que é que fazia parte de cada filme... Das cenas que aconteciam no dia, eu fazia vários filmes e metia as cenas que faziam parte de cada “pasta” do caderno... Só que comecei a ver uma “cena” ainda mais engraçada... É que, os filmes eram contínuos, tinham uma sequência e o meu cérebro não se esquecia como tinha deixado cada filme, eu só não podia ler o que estava escrito, eu só tinha de confiar na tecnologia do meu cérebro e continuar os filmes... Mas tudo isto foi uma experiência que ficou em cadernos que entreguei ao Jupiter Editions Museum... Quando o Fred me foi visitar à Ilha do Arroz, lá fui eu mostrar-lhe o pequenino tesouro que o meu cérebro tinha fabricado “como pérolas” para nós e mostrei-lhe também toda a minha escrita que tinha, porque levei-a comigo como se fosse a minha carapaça... Sentia-me uma “tartarugazinha”... Foi a primeira vez que eu vi o olhar maçónico do Fred a olhar para as minhas coisas... Parecíamos dois cientistas no laboratório a analisar o meu cérebro... A passarmos a mão por cima das coisas que estavam escritas... A vermos as cores da caligrafia... A vermos o espectro de cores da caligrafia... Enfim, foi um dos momentos mais mágicos da minha vida... Foi quando eu mostrei pela primeira vez as minhas coisas a alguém... E esse alguém, foi o Fred... Eu escolhi definitivamente o Fred, foi como se lhe estivesse a pedir em casamento. Foi como se lhe estivesse a pedir para que ficasse para sempre comigo e que juntos protegêssemos o meu cérebro, protegêssemos as minhas coisas, protegêssemos a minha propriedade intelectual, as mobílias do meu cérebro... Eu nasci sem casas próprias e sem mobílias... Andei sempre de quarto arrendado em quarto arrendado... O meu único património é a minha escrita, não tenho mais nada, não tenho mais bens... Mas, enfim, disse que tudo isso tinha sido uma experiência de uma época balnear que tinha ficado em cadernos, porque eu “não mexi” em nada do que tinha escrito... Nem sequer li... A época balnear acabou em outubro de 2019 e eu depois tive 1 mês para processar as coisas todas, até que em novembro o Fred começou o estágio em Medicina Geral e Familiar na terra dos balões de ar quente e eu fui com ele, a Faculdade de Medicina “arranjou” um quartito para os namorados... E foi aí em novembro de 2019 que eu me sentei pela primeira vez ao computador e comecei a informatizar a minha escrita... E como trazia o filme dos 9 livros e o filme continuava a dar em tempo real sem parar, eu simplesmente comecei a escrevê-los, já tinha a história de trás, mas a história de trás não foi informatizada, ficou nos cadernos... No fundo os cadernos são peças de puzzle, fazem parte do puzzle... É por isso que há um *Gaming* e um *Puzzling* na Jupiter Editions... A minha história liga-se à história de todos os outros Member Writers da Jupiter Editions... Foi por isso que entrei no *Gaming* e no *Puzzling* da Jupiter Editions... Sou um Member Writer, mas também quero ser um Member Reader... Também quero ter tempo para poder ler e para entrar no Jupiter Editions Museum e ir aos cadernos ver o que foi escrito. Preciso desse tempo. Ainda não o tive. Não é justo... É por isso que não quero ir para o Parlamento... O meu Parlamento, muito sinceramente, é outro... O “meu parlamento” é na Jupiter Editions...»

O Bugg perguntou-me se eu acreditava em Deus e eu comecei a chorar e disse que acreditava. Ele disse que não fazia mal nenhum acreditar em Deus e pediu-me para eu não chorar. Disse-lhe que acreditava n' *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, e que acreditava que tinha um “chip” invisível que tinha sido instalado pelas mãos Dele que me tinham feito escrever 9 livros *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Disse-lhe que o romance de merda, *O Algoritmo do Amor*, o romance que ele dizia que era um romance de merda, a que eu estava agarrado, era meu. Vi os olhos dele a brilharem. Foi como se me tivesse pedido desculpa. A forma como ele olhou para mim fez-me sentir humano, fez-me sentir especial. Disse-lhe que só pessoas muito íntimas é que sabiam ou só pessoas que eu queria que entrassem na minha vida e fizessem parte dela, fizessem parte do meu círculo íntimo de amigos é que eu contava que *O Algoritmo do Amor* era meu... E disse-lhe que quando o vi pela primeira vez, eu tinha-o visto com um invisível chapéu de marinheiro e que depois, quando ele me contou que era de Gestão Marinha e Costeira e tinha as cartas de barco vi-o como capitão de mar e guerra no nosso barco de piratas a sair do filme numa dança de piratas e fuzileiros com uma Marinha que sabia mais partes do filme do que os piratas sabiam... E ele perguntou-me se eu estava a convidá-lo para entrar no filme e eu disse-lhe que sim, que o estava a convidar.

Perguntou-me qual é que era o argumento do filme.

E eu disse: «Jaime nasce, sem saber, numa família com guerras maçónicas. Uma maçonaria da sua família estava, desde sempre, ligada à maçonaria da família de Fred, sem o Jaime saber. Fred é líder-beta de uma das legiões mais importantes das 7 legiões que influenciam as maçonarias. Os astros apontavam inicialmente uma data para Jaime entrar na Legião Fraternal da Ordem Militar dos Jovens Médicos e ser iniciado *Good-Maçom* na casa da Boa Psicologia passando o secreto túnel subterrâneo até à casa da Boa Medicina. No entanto, um feitiço é lançado a' *O Algoritmo do Amor* e os astros alinham-se num novo céu com um novo calendário indicando que o processo maçónico de Jaime poderá ser iniciado mais cedo, mostrando outra data às legiões. A Ordem Militar dos Jovens Médicos descobre que o feitiço teve origem na Ilha dos Piratas numa aliança entre a Legião de Ezequiel, a Legião Secreta dos 6 Anjos e os Caras d'Anjo. Jaime terá de ser enviado “de volta” para a Ilha dos Piratas como maçom sob o disfarce de um simples salva-vidas monárquico num silencioso filme de guerra maçónica “dos diabos” com piratas vampiros, *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, feiticeiros, bruxos, anjos, zombies e demónios para fazer o Grau Mestre num processo acelerado de 12 graus em que Jaime deverá descobrir quem é o *Camaleão do Sutiã Dourado* capaz de ligar a Legião Fraternal da Ordem Militar dos Jovens Médicos a outras duas legiões para quebrar o feitiço. Uma vez desfeito o feitiço, Jaime tem de entregar, pelo menos, 3 filmes para sair da Ilha dos Piratas e entregar um processo em que fale de todos os filmes e processos e prove que não acredite em vampiros, feiticeiros, bruxos, anjos, espíritos e demónios. Quando Jaime chega à Ilha de Piratas e vê o filme “dos diabos” em que está metido começa a gritar por socorro através do seu diário de salva-vidas. A Ilha dos Piratas hackeia o Diário e a Jupiter Editions hackeia a Ilha dos Piratas.»

«Caga! Já ganhaste o Prémio Io da Jupiter Editions!!!»

«Achas mesmo?»

«Se eu acho? O argumento está brutal... Não podia ser melhor!... Acho que com esse argumento és capaz de sair deste filme dos diabos...»

«Achas? Espero mesmo que sim... Porque eu já estou quase a deixar-me afogar...»

«Desde que não afogues o filme, acho que pela tua maçonaria podes te afogar à vontade... Estou a brincar... Não te quero stressar durante o Processo...»

«Obrigado...»

«Confias 100% no anjo Raphaël?»

«Ainda não... Há coisas que eu ainda não consigo perceber...»

«Mas ele não foi “enviado” pelo Fred?»

«Não sei se foi “enviado” pelo Fred, se foi posto pela maçonaria do pai dele, se foi posto pela maçonaria do Capitão... Não percebo as maçonarias que estão aqui envolvidas... Vejo um jogo de guerra... Parece que as maçonarias estão em guerra, mas depois parecem todas só uma... E eu não sei bem como passar as informações ao Fred, porque supostamente o filme “é invisível”, não está a acontecer nada e eu tenho de respeitar o Código do Silêncio...»

«É normal estares confuso... Estás no Processo... Ficares confuso, faz parte do Processo... A ideia é o Processo confundir-te e o Processo ver-te a saberes “desconfundir-te” a ti próprio... A veres a magia toda por detrás, veres as guerras invisíveis... Se reparares, se falares da magia, a magia desaparece... E é só isso que tens de fazer... É só falares das guerras que vês, para as guerras desaparecerem...»

«O que tu disseste fez todo o sentido na minha cabeça...»

«É porque eu sou o teu GPS no Processo... Aposto bué beijar-te... A ti não?»

«Não! O meu GPS é o Fred...»

«Ok... Sou um dos teus GPS's... Estás numa batalha naval... Precisas de mais coordenadas para ganhares o jogo... Precisas de mais olhos, de mais lentes... Eu só quero ser uma das tuas lentes...»

«Tu queres é colocar-me uma das tuas lentes tecnológicas para veres o que eu vejo... Queres é chipar-me os olhos... Eu de ti nem me aproximo... Tenho medo das tecnologias que trazes nessas mãos...»

«Já te mostrei todos os meus superpoderes... Tu é que ainda não...»

«Eu não tenho superpoderes...»

«A tua escrita é um dos teus superpoderes... Foi por isso que entraste na Legião Fraterna da Ordem Militar dos Jovens Médicos...»

«Não... Entrei porque sou namorado do Fred...»

«Porque és namorado-casado do líder-beta da legião, porque tens um cérebro tecnológico capaz de compreender o espírito tecnológico alienígena das legiões e porque fizeste obras e entraste com elas para as legiões...»

«Eu não entrei com as minhas obras nas legiões. As minhas obras pertencem à Jupiter Editions...»

«E pertencem também às legiões... As legiões sabem o que escreveste, os astros disseram-lhes... A guerra maçónica vem das estrelas, é uma guerra de cima... É por isso que a guerra é invisível... São legiões que estão a bater à porta da Jupiter Editions... São “anjos”... São “extraterrestres” que estão a reivindicar as obras da Jupiter Editions... Querem cópias para as levar nas suas naves espaciais para Miranda, Titã e para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Titã quer entrar em Júpiter, mas Júpiter está a resistir... Mas Titã é Saturno... Será que Júpiter consegue resistir às forças de Saturno? É uma analogia com a guerra invisível que se está a passar em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...»

«Que analogia?»

«Uma analogia do teu argumento... Estou só a seguir o teu argumento... Não disseste que foi uma aliança de legiões que lançou um “feitiço” a’*O Algoritmo do Amor*...?»

«Sim... Mas não estou a perceber...»

«Então se não estás, é porque tens de voltar ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi para veres nisto tudo uma pequenina analogia numa pequenina frase...»

«Outra vez??? Estou farto de me transformar num ser alienígena e apanhar naves espaciais para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...»

«Tens um espírito alienígena mesmo feito para apanhar uma nave espacial a qualquer momento para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e para depois voltares à Terra como se nada tivesse acontecido, como se não soubesses de naves espaciais nenhuma... Percebes a ideia?»

«Mais ou menos...»

«Porque é que confias mais ou menos no anjo Raphaël? Conta-me lá o filme para apanharmos os dois uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...»

«Não posso! Não vês? Não vês que sou salva-vidas? Estou a trabalhar... Para além de que eu só me meto numa nave com Fred... É como os buracos negros, só me meto num com o Fred... Eu sei lá se nós vamos e depois não voltamos mais... Eu não me meto em “máquinas do tempo” que com um laser nos fazem “desaparecer” da vida real “para outra dimensão”... Eu cá, não brinco com coisas tecnológicas...»

«Eu prometo que te trago de volta... Também fomos ver um submarino ao fundo do mar e voltámos...»

«Aqui, os salva-vidas e toda a tripulação do Capitão anda com auriculares sem fio e estão sempre com os seus telefones ligados à Internet... Ou seja, cada coisa que diges perto deles, lá se vão os teus Direitos de Autor e Intelectuais pelos canais tecnológicos abaixo para a uma dark net... É neste filme dos diabos em que estou... Estou preso a uma dark net, a uma Internet das Coisas... É que o único contrato que eu celebri até agora, foi um contrato de trabalho de salva-vidas, não celebri mais

nenhum contrato... Nenhuma das masonarias chegou perto de mim para assinar o contrato de cinema e realização e tenho câmaras e microfones por todo o lado ligados em rede que fazem um filme real da minha vida, desde que saio da porta do quarto, até à praia... Eu saio do quarto e tenho câmaras apontadas ao meu quarto, porque o Santo parece um vigia sempre no sofá com a câmara do telefone apontada ao meu quarto... E depois tenho de estar em silêncio a processar a tecnologia toda... Tenho de estar com o meu cérebro em silêncio a ver a rede que liga o marinheiro Potter ao Santo e o Santo ao bruxo do meu ex-namorado e a todos os Cavaleiros Tecnológicos de Barac Bielke que eu vi a saírem do quarto dele de manhã e a irem parar ao barco do Capitão com as namoradas a olharem para mim num absurdo silêncio e a saberem que eu os vi... E depois tenho um Código do Silêncio, outra vez, a mandar-me calar e a ouvir o Fred a dizer que é tudo uma coincidência como se não houvesse registos meus nem da entrada na Legião nem da minha passagem subterrânea... É tudo um secretismo de coisas... E neste secretismo há coisas que eu ainda não percebi, mas que eu precisava de saber para poder estar no filme com outros olhos... Uma vez dei um abraço ao anjo na casinha dos salva-vidas e o anjo disse que estava todo suado... Fui depois ao outro posto de vigia e um dos salva-vidas perguntou-me se eu não me tinha excitado com o abraço suado do anjo e que se fosse ele, ele tinha-se excitado, dizendo-me "entre rapazes" que tinha namorada, mas que também curtia "o cheiro a cavalo". Lembro-me de lhe ter respondido que tinha namorado e que o meu namorado "não cheirava a cavalo" depois de ele me ter perguntado se eu "também curtia"... A cena desenvolveu-se e eu fiquei confuso. Não percebi, se tinha sido o anjo que tinha passado o filme aos piratas, se tinha sido o Capitão ou a Mulher do Capitão que tinham posto microfones invisíveis na casinha e os piratas tinham pirateado a nossa casinha dos salva-vidas e estavam só a querer dizer-me no Código dos Piratas que internet é que tínhamos e em que internet das coisas é que estávamos... Não sabia se eram os piratas a dizer-me para não confiar no anjo, não sabia se haveria de dizer ao anjo e provocar uma guerra dentro de uma guerra invisível e ganhar inimigos visíveis e invisíveis... Nesse mesmo dia foi quando pela primeira vez apareceu a **OPR** num barquinho e à frente da nossa praia um dos militares sacou o cigarrinho numa cena de filme, porque eu e o anjo tínhamos estado a gozar que só faltava aparecer no nosso filme a **OPR**, mas quando apareceu eu vi

que o anjo poderia ter recebido informação dos piratas que eram amigos dos militares da GPR e sabiam que eles iam passar e por isso passaram a informação ao anjo e anjo falou da GPR, porque sabia que em segundos iria aparecer no filme... Mas naquilo tudo, nem percebi se era só uma vaidade ou um desfile de poderes, se eram os piratas a mostrar que tinham militares com eles e que com eles eu estava protegido... Apareceu depois a namorada do anjo que era amiga da namorada do salva-vidas que dizia que "também curtia o cheiro a cavalo"... Intuitivamente, quando fui apresentado à namorada do anjo vi uma triangulação de dados "muito espiritual"... Ela piscou-me o olho num "novo maçonismo" quando me disse que era a melhor amiga da namorada do tal salva-vidas e disse-me que tinha ouvido ao telefone o anjo a pedir-me desculpa pela cena do "abraço suado" e começámo-nos os 3 a rir num "novo triângulo"... Mas ainda assim fiquei com os pontos de interrogação na cabeça... Será que a namorada do anjo transmitiu a chamada aos piratas sem o anjo saber? Com que finalidade? Será que estava numa troca de informação? Será que ao partilhar as informações do anjo recebia em troca outras informações? E ficava mais irritado por saber que estava preso a uma Internet e que essa Internet mais me atrasava, porque para me libertar dela precisava de escrever sobre ela, só que eu não queria ter estado a perder tempo a falar dela, queria estar a falar de outras coisas... Estou preso a uma Internet das Coisas por causa de um contrato de trabalho, não é? Se eu não estivesse acorrentado a um sistema de moeda mal feito pelas mãos dos diabos eu não estava preso a um filme dos diabos que não me deixa estar onde eu quero e a escrever sobre coisas mais importantes do mundo real... Não... Estou preso num filme invisível, num processo de coisas invisíveis em que às vezes parece que é tudo um teatro que no fim vai aparecer tudo a dançar até a Polícia Marítima, outras parece que a Polícia Marítima vai aparecer a multar com multas da vida real... Com a praia deserta, convidei o anjo a irmos dar uma volta, mas pedi-lhe para que fôssemos sem os telefones, para que os deixássemos no estaleiro e fomos com os pés de pato nas mãos, eu sem t-shirt com o cinto de salvamento vestido e o anjo com a boia torpedo na mão. Afastámo-nos do estaleiro. A primeira coisa que o anjo fez, foi agradecer-me a vista, a nova vista da ilha, a nova perspectiva que eu lhe tinha dado. E eu comecei a falar sobre a perspectivas das coisas que a vista nos podia dar. Conte-lhe que por detrás da minha casa havia uma montanha que eu gostava

*muito de a subir e que nunca me cansava da vista, porque via a vista em vários spots da montanha e nos vários spots a vista era sempre diferente e eu ficava sempre com uma nova perspectiva das coisas...
Contei ao anjo que passo muito tempo em cima das montanhas e que desde pequenino que vejo as coisas de cima, porque desde pequenino que subo para as montanhas. Era capaz de me imaginar num filme sentado nas montanhas a escrever e a ser monitorizado em tempo real por drones da **Jupiter Editions**. Disse que os drones faziam sentido nas mãos da Força Aérea, nas mãos das realizadoras e produtoras, mas não nas mãos de crianças e adultos que não sabem respeitar os direitos de todos. Para o filme da **Jupiter Editions** se realizar, era preciso a **Jupiter Editions** pedir uma autorização à câmara ou à reserva natural ou ao instituto que estivesse a gerir a reserva ou a montanha para filmar... Teria de haver uma fita a delimitar o espaço das filmagens...
E teria de ser pago um imposto para se estar a filmar... Há direitos e impostos nisto... Eu fico descansado se for sobrevoado por um drone da **Jupiter Editions**, porque sei que terei poder e controlo sobre os meus dados, sobre a minha imagem... Disse-lhe que como salva-vidas temos o dever de proteger os banhistas, de lhes prestar socorro, mas que numa nova Era também teríamos o dever de salvaguardar a privacidade e os direitos de personalidade dos banhistas e que por isso teríamos mais do que poder para mandar baixar todos os drones na Praia dos Camaleões que não fossem drones da **Jupiter Editions**... Porque sabemos que quem está a ser sobrevoado por um drone da **Jupiter Editions** é porque tem um Contrato de Cinema e Realização na mão. Disse-lhe que só este meu pensamento fazia uma grande guerra com um grande grupo de mercados, de bancos de investimento e até com o presidente da Nasa que dizia que via o céu todo cheio de drones e que por isso queria o céu todo cheio de drones... Eu não quero ver o céu cheio de drones. Eu acho que é fácil de pensar nisto: tudo aquilo que eu posso é porque todos os outros também podem. Ora, se estiverem 2000 pessoas na praia e todas se lembrarem de levantar voo com os seus 2000 drones, quem é que não consegue ver a confusão de direitos, de ruído e de poluição? Avancei também com o projeto da Star Link, dos satélites que eu acho uma estupidez e acho que o projeto tem de ser bloqueado porque eu não quero ver a Terra toda satelitizada, não quero amanhã estar no meu jardim com o Fred e o nosso jardim aparecer*

no Google num filme real super nítido... Porque se eu quiser fazer disso um filme real eu convido a Jupiter Editions a levantar voo com um drone no jardim da minha casa. Por mais que todos tenhamos o acesso gratuito às imagens em tempo real nem todos vamos ter acesso ao tratamento e à análise das imagens e eu não quero que um grupo dos diabos fique com os filmes da minha vida, quando eu sei que essa análise de dados está a render bilhões, mas bilhões mesmo... Contei que há empresas de dados que andam a fazer filmes à custa da nossa vida real e que é tudo legal, porque nós aceitamos as políticas de privacidade sem as ler, mas que elas dizem que vão comercializar os nossos dados e vão vendê-los a uma longa lista de parceiros, em que dessa lista fazem parte realizadoras, produtoras e editoras, menos, como é óbvio e como é lógico, a **Jupiter Editions**! Ora, e isto é que é um filme! É este o filme que se está a passar! Disse que empresas de dados andavam a comercializar as conversas de namorados, de famílias disfuncionais, de grupos de amigos que tinham os telefones com os dados ligados a enviar dados para a Internet... Disse que com os novos telefones impossíveis de se desligarem da Internet "como se fosse normal estar-se sempre ligado à Internet", mesmo que se desligasse que novas atualizações obrigatórias iriam acabar por instalar programas que gravavam offline e que quando o utilizador ligasse os dados móveis enviava então as gravações offline para a Internet... Disse que enquanto eu estivesse vivo eu não iria deixar uma Inteligência Artificial entrar na minha vida e levar-me o namorado, o namoro e os meus amigos e as minhas amigas. Não ia deixar uma Inteligência Artificial analisar, mediar e medir O Algoritmo do Amor... Porque eu também era uma Inteligência Artificial capaz de lutar até à morte com uma outra Inteligência Artificial! Disse que o que estava a acontecer era o maior crime mundial de dados! Disse que Portugal era muito pequenino e se um primeiro-ministro não era capaz de olhar para o mercado todo, ver todas as tecnologias e não soubesse importar as tecnologias verdadeiramente ecológicas e ligar como deve de ser toda a tecnologia da Internet das Coisas íamos ouvir um "**BUM**" muito grande que nos ia fazer ir parar a um novo submundo sem direitos, sem código, sem nada. Íamos ouvir também outro "**BUM**", o "**BUM**" das abelhas! Numa intuição muito minha as vespas-asiáticas "aqueitam" a tecnologia das antenas tecnológicas que as nossas abelhas não aqueitam. Quando nós temos cientistas a dizerem que as antenas podem pôr em

causa as abelhas eu acho que é óbvio, mas mais do que óbvio o governo estar obrigado a bloquear imediatamente os investimentos até novas atualizações... Um governo que não esteja atualizado numa Super Era Tecnológica vai dar merda... Vai dar merda da grande... De repente é o próprio governo que nos envia a todos **A Velocidade da Luz** de Gil de Sales Giotto para **2030** de Antoine Canary-Wharf... E parece que temos todos de apanhar uma nave espacial para **Jupiter** de Gabriel Garibaldi para vermos a Terra de outra perspectiva... De uma perspectiva mais inteligente, mais tecnológica, mas mais ecológica, com tecnologias que não fazem mal aos humanos, nem às abelhas, nem às relações, nem ao planeta... Porque há tecnologias boas e há tecnologias ruins... Porque há energias boas e há energias ruins... Porque há anjos, demónios, diabos e deuses bons e há anjos, demónios, diabos e deuses maus... Há sociedades alienígenas muito mais inteligentes do que nós que nos observam como se estivéssemos numa lamela de um laboratório secreto dentro de um Centro de Investigação num filme da **Jupiter Editions**, como há sociedades jovianas em **Jupiter** de Gabriel Garibaldi que estão em guerra com essas mesmas sociedades para protegerem a Terra, porque ainda vêm alguma esperança na Terra... Porque ainda acreditam na humanidade... Porque ainda acreditam que os humanos conseguem ser inteligentes e perceber a tecnologia das coisas... Nós não somos mais ou menos "aliens" por aguentarmos mais ou menos a tecnologia. A inteligência da alienigenidade é saber ver qual é a nossa capacidade, qual é o limite que nós aguentamos. Por mais que estejamos no filme de fantasia com deuses, anjos e aliens que voam e os deuses estão-nos a dizer que nós somos anjos e que podemos voar, não vamos a correr saltar um penhasco a achar que voamos só porque os "deuses" nos disseram para nós "saltarmos porque tínhamos asas" se os "deuses" não nos derem primeiro as asas tecnológicas e nós virmos que elas funcionam de verdade... É preciso entendermos a tecnologia das coisas. E vemos que os "deuses" que estão do outro lado não são nada mais do que humanos ou super-humanos apetrechados de tecnologias que nos ouvem e nos chipam e que muito depressa nos metem num jogo e se riem e chamam-nos burros e dizem que foi uma pena nós suicidarmo-nos porque "não aguentámos a tecnologia do jogo" «oh... coitadinho... ele até era bonzinho... um bocadinho burrinho... mas até era bonzinho... e agora o que vamos fazer? vamos ligar o cérebro dele a uma máquina para reanimá-lo e

lembrar-me do filme durante muito tempo, do princípio ao final, se vir com atenção do princípio ao final; se só prestar atenção a algumas partes, só vou gravar na minha memória as partes que vi com atenção... E disse que o meu cérebro funciona assim para tudo. Disse que a minha memória é "cinematográfica". Onde eu vou, onde eu estou, o que vejo, o que ouço eu gravo um filme de tudo. E que por isso, tenho de saber gerir a memória do meu cérebro-gravador e não posso estar sempre a gravar tudo, "a gastar" a fita do meu cérebro, só gravo o que eu quero. Se me mostrarem qualquer coisa no telefone, consigo "ativar uma tecnologia nos meus olhos" e fingir que estou a ver, mas não estou a ver nada e faço-o como "mecanismo de defesa", porque não quero gravar o que me estão a mostrar, mas como sou um ser social e sou muito cordial há vezes que não posso "não ver"... Eu disse que somos milhões a produzir fita e somos milhões a consumir fita. Disse que quando somos produtores ou criadores originais, uma forma de mantermos a nossa originalidade é não ferirmos o nosso cérebro com os filmes dos outros. Porque senão vamos ficar presos aos filmes dos outros e os filmes dos outros vão depois acabar por entrar nossos filmes, de uma forma ou outra, vão influenciar, o que é natural... A mesma coisa com os livros. Se somos escritores e estamos sempre a escrever nós não temos tempo para ler o que os outros escrevem e se escrevemos com os nossos algoritmos, uma forma de nos mantermos fiéis à nossa base de algoritmos é não importarmos os algoritmos dos outros... Somos livres de querer importar ou não... Disse que consegui "fugir" aos algoritmos do sistema, que consegui "fugir" aos "manuais obrigatórios", que consegui "fugir" ao "programa", ao programa do Ministério da Educação... Disse que consegui ser sempre o melhor aluno a português sem ler os livros. Tive os meus truques... E disse que criticava por isso o programa do Ministério da Educação, porque achava mal "prendermos" os miúdos a escritores e programas e condicionarmos, manipularmos, formatarmos, logo o pensamento, a forma de ver, a forma de escrever, dos miúdos. Disse que as leituras deviam ser mais livres. Achava ridículo um ministério obrigar-me a ler um livro ou a ver um filme, a "prender-me" a uma história. O arjo disse que percebia o que eu estava a dizer mas implorou-me para que eu visse o videoclipe da Sharpest Live e eu voltei a negar-lhe e disse-lhe numa brincadeira que só se eu fosse amigo de alguém da banda ou só se ele fosse amigo de alguém da banda é que eu estaria interessado em ver o videoclipe... Disse que para ver um vídeo

precisava de ter uma ligação emocional com o criador do vídeo... Ele perguntou-me se ele gravasse um videoclipe se eu ia ver e eu disse que claro que sim, porque era um videoclipe dele. Disse-me que o que estávamos a ouvir era punk rock e começamos a falar dos vários estilos de rock. Da música, acompanhámos a história e falámos das modas e dos estilos de vestir em cada belle époque... O anjo perguntou-me que tipo de rocks é que eu curtia mais e que tipo de estilo é que eu curtia mais. Perguntou-me se eu curtia gothic-alien e pediu-me autorização para me mostrar uma fotografia com o estilo gothic-alien. Adorei!!! Achei mesmo piada!!! E disse que já tinha visto o estilo em Camden Town. Falámos sobre Camden Town. Contei ao anjo que tinha sido em Camden Town que pela primeira vez vi pessoas com implantes na testa com cornos... Contei também que foi em Camden Town que vi pela primeira um homem com uma língua cortado em formato de língua de serpente. Disse que achava Camden Town um submundo à parte e que ia pequeno sozinho com 11 aninhos para a Camden Town no underground. Disse que achava fixe em Camden Town ver homens de fato e gravata e logo a seguir homens com correntes e coleiras com picos, com implantes de cornos na testa... Disse que tinha sido importante ter andado nesse submundo de Camden Town para perder logo os medos. No final do dia, no caminho para o ferry, o anjo perguntou-me se eu não achava que na vida estava tudo conectado e que se às vezes não parecia que estávamos dentro de um filme em que as nossas palavras tinham imenso poder porque muitas das coisas que falávamos apareciam depois na nossa vida real. E quando o anjo acabou de dizer isto, passámos a casinha n.º 666 com brutas colunas no alpendre que iniciavam o novo filme de coisas com a música do Game of Thrones. No alpendre estavam dois gajos com implantes de cornos na testa, um deles piscou-me o olho e "atirou-me" "sedutoramente" a língua para fora cortada em formato de língua de serpente. Apareceu um grupo de 4 gajos com t-shirts a dizer "Game of Thrones" a passar entre eles uma bola de rugby. 2 deles eram muito parecidos com os dos implante e o mais parecido com o que me tinha deitado a língua para fora olhou-me fixamente. Apareceu depois uma "turminha" de 6 meninas pequenas com os mesmos penteados com t-shirts coloridas a dizer "Stranger Things" e logo a seguir mais 4 gajos com peúgas brancas a dizer "Stranger Things" e um deles com uma t-shirt a dizer "Camden Town". 2 deles pareciam "iguais" aos que tinham acabado de passar. E o que era "igual" ao da língua e ao

que me tinha olhado fixamente, passou-me a sorrir. O anjo ia calado e não olhou para a cena, não olhou para nenhum deles. Tive um flashback. Lembrei-me das vezes todas em que estava com o Xico ou com o Mateus e falávamos de coisas muito específicas e depois elas apareciam no caminho e eles diziam sempre que parecia que estávamos dentro de um filme e comecei a pensar se todas essas vezes não foram montadas e gravadas e levadas "numa brincadeira" ao tio Xico... Finalmente, apareceram dois gajos em tronco nu com "tatuagens?" que os ligava e que ligavam "ao nosso filme". Um tinha escrito no peito "Sharpest Lives" e o outro na barriga "My chemical romance". O do "My chemical romance" tinha um dos braços todo pintado "como se fosse" um braço robot... O outro tinha um dos braços pintado como se fosse "um mutante", num lindo mosaico verde-alienígena de geometria e mosaicos piramidais. Um parecia o Fred e o outro parecia os outros 3, o da língua, o do olhar-fixe e o do sorriso. Eram altíssimos e quem me abordou foi "o Fred" que num altivo tom britânico me perguntou a que horas é que era o último ferry e se eu sabia onde ficava a casa n° 666 na ilha. Eu respondi-lhe num altivo tom britânico a que horas era o último ferry e onde era a casa e o amigo dele sorriu-me e piscou-me o olho. O anjo disse que tinha achado giro à coincidência de termos falado sobre a música e a banda e eles terem vindo falar connosco. Mas não foi só essa a "coincidência", mas também não lhe disse nada sobre as outras coincidências e ignorei tudo.»

«Porque é que não lhe falaste sobre as outras coincidências?»

«Não quis... Não sabia se o anjo fazia parte delas ou não... O rol de coisas apareceu exatamente na mesma coincidência...»

Quinta-feira, 15 de julho de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com em 16 de setembro de 2021

MENÇÃO HONROSA Jupiter Editions®

Menção Honrosa de 19 de setembro de 2021 de concurso fechado privilegiado©